

Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Organização



Apoio



42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)

PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memoriam*) – Walter Zanini

DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)
Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL/CBHA)
Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)
Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)
Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)
Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)
Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)
Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)
Rita Lages (UFMG/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)
Paula Ramos (UFRGS/CBHA)
Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)
Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

IMAGEM: Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

DIAGRAMAÇÃO: Thaís Franco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail: cbha.secretaria@gmail.com

Estruturas viciosas

Débora dos Santos Camilo, PPGAV-Universidade Federal do Rio de Janeiro/

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8022-595>

e-mail: debora.camilo.dc@gmail.com

Resumo

Esta comunicação tem como objetivo construir uma argumentação baseada nos estudos que a decolonialidade faz dos feminismos. As expressões dos feminismos são categorias complexas que impulsionam movimentos de desconstruções das persistências sobre os gêneros, as sexualidades e políticas dos corpos. Esta proposta toma como base a obra da artista Rosângela Rennó, *Círculos viciosos*, 472 casamentos cubanos de 1995 e o proposto por Françoise Vèrge, 2020, que nos aponta que o feminismo decolonial é “a despatriarcalização das lutas revolucionárias”, pois “contribui na luta travada durante séculos por parte da humanidade para afirmar seu direito à existência.”.

Palavras-chave: Decolonial 1. Política 2. Heteropatriarcado 3. Gênero 4. Feminismos 5.

Abstract

This paper aims to build an argument based on decoloniality studies of feminisms. Feminisms' expressions are complex categories that drive movements of deconstructions of persistences about genders, sexualities and body politics. This proposal takes as its basis the work of the artist Rosângela Rennó, *Vicious Circles*, 472 Cuban marriages from 1995 and that proposed by Françoise Vèrge, 2020, which shows us that decolonial feminism is “the depatriarchalization of revolutionary struggles” because it “contributes to the struggle waged for centuries by humanity to affirm its right to existence.”.

Keywords: Decolonial 1. Politics 2. Heteropatriarchy 3. Genders 4. Feminisms 5.

“Quando algo nos olha, é além do visível, só nos olha nas nossas entranhas.”

Georges Didi-Huberman

Tudo que você acha sobre essa pessoa que fala/escreve é sobre você, não é sobre quem sou, ou sobre a história que quero contar. Como indivíduos somos muito mais do que a raiva, a tristeza, o desespero, inveja, disputas e afins; somos afetos, incertezas, retornos, escutas, atravessamentos, erros e acertos. Explicar para os meus possíveis interlocutores todos os caminhos e retornos que me trouxeram até aqui: não cabe em um texto de até 25 mil caracteres. O que faço aqui é apresentar uma ideia embrionária que será possivelmente o capítulo da tese que escrevo. Escrever esta comunicação para apresentar no 42º colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte é um ato político, cursar um doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro é carregar comigo todos os meus alunos de Santa Cruz e Campo Grande - uma galera que quando não tem a grana da passagem não pode andar até um possível *campus universitário*, não pode pegar a bicicleta, uma vez que não é vizinha de uma instituição de ensino superior; essa galera precisa abandonar o sonho. Dessa forma, muitos não conseguem projetar a vida para além das estruturas condicionantes de seus cotidianos e são, por isso e outras categorias, ditos subalternos. Para Gayatri Chakravorty Spivak (2010, p.14), ser um subalterno ocupa “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante.” Logo, o plano da enunciação para essa parcela da população não funciona da mesma maneira que está sendo administrada neste espaço. Apresento tal proposição, uma vez que o plano da enunciação depende da coatuação do locutor e do interlocutor em uma situação comunicativa, mas, de acordo com os investimentos de Spivak isso não ocorre para os indivíduos que são categorizados como subalternos. O código é outro para eles. De acordo com Deepika Bahri (2013, p. 666), “aqueles que têm o poder de representar e descrever os outros claramente controlam como esses outros serão vistos”. Por isso, tudo que você acha sobre essa pessoa que fala é sobre você, não é sobre quem sou, ou sobre a história que quero contar. Quem sou eu? Sou Débora dos Santos Camilo, moradora da Zona Oeste do Rio de Janeiro, professora de literatura/ Literatura e doutoranda do PPGAV/UFRJ.

Escrevo atravessada por uma eleição presidencial, pelas denúncias sobre desrespeitos aos direitos humanos: liberdade de expressão, engenharia genética, gênero, raça, pluralismo, direitos sociais e trabalhistas, a laicidade do Estado e tudo aquilo que representa uma democracia. Escrevo instrumentalizada pelo direito constitucional e pelas gerações ou dimensões dos direitos humanos. Todas as categorias e/ou conceitos

listados acima são importantes, mas concentrarei os meus esforços argumentativos na violência, na opressão direcionada ao gênero feminino e nas múltiplas vertentes das mulheres existentes.

Para isso preciso localizar o que interessa não somente agora, mas no debate sobre a decolonização: a biopolítica, que segundo Alliez & Lazzarato (2021, p.118),

revela-se um dispositivo multiplicador de poder, numa guerra civil generalizada que ela administra e cujo objeto é o sujeito, ou seja, a vida. Não a "vida nua", mas a vida em suas articulações e passagens cada vez mais condicionadas: a vida **em família**, a vida militar, no trabalho, na escola, no hospital, na prisão etc.

Nossa construção cultural sobre os possíveis vínculos e modos de agir - estabelece ainda como modelo a família heteronormativa e tal marco é ilustrado a partir da formação dos leitores no Brasil do século XIX. A importância, neste contexto, é o lugar, espaço, modelo que a mulher ocupa nessas harmonizações. Esta comunicação tem como objetivo construir uma argumentação baseada nos estudos que a decolonialidade faz dos feminismos.

As expressões dos feminismos são categorias complexas que impulsionam movimentos de desconstruções das conservações sobre gêneros, sexualidades e políticas dos corpos. Minha proposta toma como base a obra da artista Rosângela Rennó, *Círculos viciosos, 472 casamentos cubanos de 1995* (figura 1). Apresento uma descrição de Paulo Herkenhoff (1997, p.134) da composição da obra de Rennó para melhor contextualização dos intertextos que disserto.

A obra *Círculos Viciosos (472 Casamentos Cubanos)* é formada por um par de círculos acrílico, dispondo-se um sobre o outro. A forma circular do plano básico é alegórica da aliança de casamento. Os círculos são recobertos por um relevo de fitas de negativos, que se dispõem sinuosamente, preenchendo o plano à moda de um intrincado bordado. Esses *Círculos Viciosos* se entrega como um buquê escuro de 472 casamentos, início e promessa talvez de 472 casamentos, início e promessa talvez de 472 álbuns de família.

Além disso, o proposto por Françoise Vèrge (2020) que nos aponta que o feminismo decolonial é "a despatriarcalização das lutas revolucionárias", pois "contribui na luta travada durante séculos por parte da humanidade para afirmar seu direito à existência.". Sendo assim, as relações intersubjetivas reconhecem que os corpos e os gestos são violentados por conceitos normatizantes que apreendem as formas dos delineamentos das hegemonias. Essas regulações fazem uso da manutenção da cultura da violência exercida pelo heteropatriarcado e seus modos dominantes do senso de vida.



Figura 1.
ROSÂNGELA RENNÓ.
Círculos viciosos, 472 casamentos cubanos, 1995,
negativos fotográficos p&b 35 mm, discos de
acrílico e parafusos de latão dítipico 70 x 9 cm
cada disco. Coleção: Roger Wright, em comodato
com a Pinacoteca de São Paulo.
Fonte e credito: Pinacoteca de São Paulo.

De acordo com Alliez & Lazzarato (2021, p. 123),

a *constituição de uma família* restrita, com suas identidades sexuais e a distribuição de poder e de funções que elas implicam – o trabalho “produtivo” remunerado para os homens, o “reprodutivo” e não remunerado para as mulheres-, sem esquecer o *controle dos afetos* e do desejo incestuoso, é o resultado de uma guerra de *produção de subjetividade* que envolve de maneira desigual a burguesia e o proletariado. (grifos meus)

Duas referências se a esse ligam ao fragmento: os investimentos de Gayatri *Spivak* sobre as provocações constantes no que se refere à representação; e a formação de leitores no Brasil, justamente pelo papel que os romances de folhetim caracterizavam na vida social do século XIX. Para Afrânio Coutinho (1997, p. 261 -262), “a intriga desses romances, como é natural, gira em torno do problema amor; ou para ser mais exato, em torno da situação social e familiar da mulher, em face do casamento e do amor.” A construção desses modos soberanos do senso de vida insiste nas configurações do feminino, no contemporâneo, em uma posição de subordinação política. Para ser mais clara: as formas do feminino que são apresentadas no século XIX aferram-se no século XXI - no modelo que é utilizado para normatizar o corpo, o sexo, a sexualidade e a circulação das mulheres no espaço público.

Como também, conservam e criam entidades que capturam as formas de organização de sociabilidade e o condicionamento mecânico do poder para regulamentar como deve ser o mundo e o que deve ser feito a partir dessa suplantação. O mercado de casamentos e chás, revelação, de bebê, de panela e afins são constatações dessa cristalização de organização e especulação sobre os desejos do feminino ao encontro da vida social – inclusivamente, é claro, dos penteados, músicas, valsas que são orquestrados nesse arranjo comportamental – glorificados nas ficções passadas e atuais.

A leitura da vida social, em muitas estruturas mascavadas, são reproduções de uma temporalidade que não existe; a uniformidade dos comportamentos é algo perigoso para uma democracia, uma vez que apaga as diferenças.

É interessante notar que atualizamos os artefatos para termos acesso aos modos de sociabilidade, porém não aceitamos os diferentes no espaço político amplo – algumas regras e ações não foram remodeladas. O que fica claro, para os leitores daquelas narrativas, é que além de categorias complementares, o feminino e o masculino, são também categorias rígidas e imutáveis: as estruturas viciosas.

Retomo Alliez & Lazzarato (2021, p. 58), uma vez que os autores abrem um caminho para um debate da colonialidade dos esquemas explicativos sobre a representação. Segundo os autores,

a construção do “modelo majoritariamente” do homem macho, branco adulto, que transforma as mulheres em minorias de gênero e os colonizados em minoria de raça, é um dispositivo estratégico que *necessariamente* se instala de forma simultânea nas colônias do Novo Mundo e na Europa, onde se sabe, “a diversidade oferece maravilhosas” mercadorias a Satanás.

A proposta dos autores quando relacionada ao fragmento de Afrânio Coutinho instrumentaliza a possibilidade da formação das nossas estruturas viciosas sobre as mulheres, o feminino e o gênero no Brasil. Aposto nessa questão, já que inúmeros romances de folhetim no Brasil ficionam gestos, comportamentos, subjetividades como reprodutibilidade de uma aceitação social. Ou seja, o processo do colonialismo é fortemente resgatado a partir dos primeiros romances que operam como dispositivo de poder na colonização interna¹, uma vez que sistematizam, nessas narrativas, a ordem heteropatriarcal de funcionamento da vida social. Françoise Vèrge (2020, p. 41) citando o sociólogo nigeriano Peter Ekeh argumenta que, “o colonialismo é um processo/movimento social total cuja perpetuação se explica pela persistência das formações sociais resultantes dessas consequências”. O que estou propondo aqui é explicitamente veiculado na cultura midiática, foi pauta da última campanha presidencial, foi debatido

¹ Segundo Alliez & Lazzarato, p.118, 2021, “a colonização interna é a formação da força de trabalho industrial, implicando guerras civis generalizadas e novas guerras de subjetividade”.

e problematizado a partir das candidaturas de Dani Balbi – a primeira deputada transexual da ALERJ eleita em 2022, Duda Salabert – deputada federal trans de 2022 - e Erika Hilton – deputada federal também eleita em 2022.

O sistema binário dos gêneros ao engendrar a produtividade das normas, faz um recorte cirúrgico sobre a teoria performativa sexual. A transformação estética da primeira dama Micheque Bolsonaro na corrida presidencial de 2022 é um exemplo do que proponho pensar sobre as edificações espúrias – transformações como: corte e tintura no cabelo, cores das roupas, tom da voz, uso de joias, arranjo linguístico voltado para eleitoras e afins - tem um intertexto com a contextualização descrita nos romances de costumes do século XIX, no que tange ao chamado bom gosto e/ou costumes na visão conservadora. À vista disso, mulheres como Dani Balbi, Duda Salabert e Erika Hilton são não somente violentadas por discursos preconceituosos; mas possuem suas linguagens e agendas desqualificadas. São ameaçadas de morte, têm seus corpos e gestos excluídos do debate público; fazem muita força para existir/muito se empenham. Nossa singularidade como sujeito, cidadão, indivíduos e humanos, entretanto, ocorre na vida pública. A vida no coletivo precisa da diferença para que haja democracia. Na segregação sobre a performatividade sexual a pluralidade é rasurada.

Nas estruturas viciosas, a mulher trans e outras formas de manifestação da sexualidade dos femininos não são respeitadas. Esse desrespeito não é somente de um posicionamento político ou lado: a direita e a esquerda fazem uso da marginalização nos seus autodomínios - a exemplo do que explícito aqui, as intervenções do autor Ferrez no Seminário Internacional “Democracia em Colapso?”² na mesa Comunicação e hegemonia cultural³ – promovido pela Editora Boitempo. Ferrez ao abordar a temática hegemonia - seus modos e meios de dominação, faz um relato sobre a discriminação em relação ao corpo de uma transexual. Ferrez expende:

“Ô povo da esquerda pra ver diferença no outro. É! Eu sei porque faço parte, vou levar no canal que fazia parte da esquerda.” Interlocutor do Ferrez: “Pô, Ferrez, da hora você trazer uma pessoa preta e tal, mas uma travesti, viado, aí você me quebra, Mano. Uma travesti é foda” Ferrez responde: “A questão não é a inclusão?” Interlocutor: “Mas de espartilho, Pai?”

Como inserir, na contemporaneidade, os novos corpos e subjetividades que rompem com o binarismo de gênero? A relevância não é a inclusão, mas uma inclusão substantiva, que respeite e compreenda a narrativa daquele sujeito – que abra um plano de enunciação de maneira coletiva. De acordo com a lógica das guerras da subjetividade do heteropatriarcado, precisamos performar publicamente nos espaços

2 <https://www.youtube.com/watch?v=CGI6HtxKYSQ>

3 <https://www.youtube.com/watch?v=CGI6HtxKYSQ>

de civilidade para obter atenção, afeto e o chamado respeito. Muitas mulheres que não operam nesse modelo comportamental são excluídas da dinâmica. Os investimentos nas destituições dessas narrativas e direitos das pessoas transexuais são constantes no Brasil, e, por esse motivo, foi publicado um Plano de Lei⁴ em 2021, sob o número 696 que proibia a criação de banheiros unissex. Essa temática também foi pauta do segundo turno das eleições presidenciais.

Algumas tônicas desenvolvidas pelas prosas folhetinescas, apresentam e sustentam a estrutura que desenvolvo aqui, uma vez que exploram a partir da representação literária da elite brasileira no século XIX: a divulgação dos valores burgueses como religião, família, esforço individual, o casamento como sinônimo de vida feliz, o amor apresentado como força redentora do indivíduo e os obstáculos a serem vencidos para a concretização do amor etc. Nessa prática, o feminino é sustentado pelo sistema binário de gêneros que

ocupa lugar de destaque e de importância, pela reconstituição cuidadosa da nossa vida social em seus menores detalhes, desde a moda, as danças, as recepções, os saraus familiares, até o protocolo do amor verbal e os formulários da exigência no plano do bom gosto. A intriga desses romances, como é natural, gira em torno do problema do amor; ou, para ser mais exato, em torno da situação social e familiar da mulher, em face do casamento e do amor. (COUTINHO, 1997, p. 261 – 262)

Na estrutura desses romances, as mulheres racializadas não são protagonistas de suas narrativas: são figurantes. Esse modelo de encenação é ainda reproduzido em larga escala, já que o discurso dos vícios estruturais não é abstrato, é profundo e pode ser visto, na contemporaneidade, na abertura das cidades, uma vez que

no momento em que a cidade “abre”, nas grandes metrópoles do mundo, mulheres e homens correm pelas ruas nas academias, salas de yoga ou meditação. Aderindo ao mandato do capitalismo tardio, que exige manter os corpos saudáveis e limpos, essas mulheres e homens, na sequência de seus treinos, tomam banho, comem uma torrada com abacate e bebem um suco detox antes de prosseguirem com suas atividades. Chega então a hora em que as mulheres negras e racializadas tentam encontrar um lugar no transporte público para seus corpos exauridos. Elas cochilam assim que se sentam, seu cansaço é visível para aqueles que querem vê-lo. (VERGÈS, 2020, p.19)

Isto posto, fica claro, para todos os possíveis interlocutores, que essas mulheres não fazem parte da ordem determinante, já que estão organizando e higienizando as cidades e seus respectivos espaços para os proprietários dos corpos eficientes. A construção de uma hegemonia conta com as rupturas e com os diálogos, com dominações que nem sempre são formas de opressão. Segundo Daniela Mussi, no pequeno glossário gramsciano em versão *on-line*,

4 <https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000391001>

Gramsci ora afirmou que a hegemonia é igual à direção política e à organização do consenso exercida no âmbito da sociedade civil; ora que a hegemonia se caracteriza por uma combinação de coerção e consenso, ou seja, de dominação e direção, às quais em uma situação “normal”, própria das democracias representativas, se encontrariam em uma relação equilibrada.⁵

Nessa perspectiva o capital que é “tendencialmente um preenchedor de espaços” (MASSUMI, p.27), gesta modos de vidas descartáveis para os femininos. O revelado por Ferrez é reproduzido pela primeira dama: a autorização da inclusão de determinados corpos quando é de interesse, nesse caso, seria para a manipulação das massas e perpetuação do fascismo no Brasil. Seu pedido às apoiadoras no culto Mulheres Vitoriosas: “Não olhe para o meu marido, olhe para mim que sou uma serva do Senhor”⁶.

Tal pedido destaca duas questões: o corte brutal das políticas públicas para as mulheres e o dado do TSE de que as mulheres são a maioria do eleitorado brasileiro⁷, 52,65%. O destaque é que sua alocação é para as mulheres que definiriam quem seria o próximo presidente do Brasil. No governo Bolsonaro a construção da hegemonia sempre foi marcada pelo desrespeito à Constituição e aos direitos humanos, já que no seu plano de governo “as minorias têm que se adequar” (BOLSONARO, 2022)⁸.

Na performatização da Primeira Dama como serva do Senhor e defensora das bandeiras: pátria, Deus, família e liberdade – a manipulação para a perpetuação de uma hegemonia no Brasil contemporâneo com essas bandeiras usa a coerção e o consenso – e por isso sua transformação estética foi necessária. O que Gramsci no seu tempo não previa era a atualização dos dispositivos de manobra das massas como o WhatsApp, Facebook, Twitter, Telegram, Instagram e outros que burlam o Marco Civil da Internet no Brasil ou não respeitam. A dominação é tamanha que os dados não são verificados. Sendo assim, a subalternidade avança nas pautas autoritárias. A arte visual (figura 2) do Manifesto Fure a Bolha⁹ foi fortemente veiculado com 95 motivos no período eleitoral sobre os abusos do governo fascista.

5 <https://revistacult.uol.com.br/home/pequeno-glossario-gramsciniano/>

6 <http://pswww.youtube.com/watch?v=cVKjr2Cs6WE>

7 <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Julho/eleicoes-2022-mulheres-sao-a-maioria-do-eleitorado-brasileiro>

8 <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/07/15/bolsonaro-defende-falas-transfobicas-minorias-tem-que-se-adequar.htm>

9 <https://fureabolha.substack.com/p/manifesto>

NEGOU-SE A ASSINAR DECLARAÇÃO DA ONU PELOS DIREITOS DA MULHER.

VETOU A DISTRIBUIÇÃO DE ABSORVENTES PARA ESTUDANTES DE BAIXA RENDA.

CORTOU 90% DAS VERBAS PARA COMBATER A VIOLÊNCIA
REDUZIU EM 80% O INVESTIMENTO PARA CONSTRUÇÃO DE CRECHES.

VETOU A OBRIGAÇÃO DE REGISTRO NOS PRONTUÁRIOS À MULHER.
MÉDICOS DE INDÍCIOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.

OMITIU DADOS DO DISQUE 100, SERVIÇO DE DENÚNCIA À VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS.
EM COMUNICAÇÃO DIPLOMÁTICA, A EX-MULHER AFIRMA TER SIDO AMEAÇADA DE MORTE POR ELE.

AFIRMOU TER BATIDO EM MULHER “QUANDO ERA GAROTO”.

PEDIU REVOGAÇÃO DA LEI QUE GARANTIA ATENDIMENTO DO SUS PARA VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL.

CHAMOU JORNALISTAS DE “EU NÃO SOU ESTUPRADOR, MAS, SE FOSSE,
‘QUALQUER UMA’ NÃO IRIA ESTUPRAR, PORQUE (ELA) NÃO MERECE.”

‘QUADRÚPEDE’ “EU TENHO CINCO FILHOS. FORAM QUATRO HOMENS, AÍ NO
‘VAGABUNDA’ QUINTO EU DEI UMA FRAQUEJADA E VEIO UMA MULHER.”

‘ANALFABETA’ “QUEM QUISER VIR AQUI (DO EXTERIOR) FAZER
‘IGNORANTE’ SEXO COM UMA MULHER FIQUE À VONTADE.”

‘LEVIANA’ “AS MULHERES ESTÃO PRATICAMENTE INTEGRADAS À SOCIEDADE.”

‘IDIOTA’ FEMINICÍDIO É “MIMIMI”.

“O NÚMERO DE MINISTROS E MINISTRAS ESTÁ EQUILIBRADO.
TEMOS 22 MINISTÉRIOS, 20 HOMENS E DUAS MULHERES.”

A CADA 7 HORAS, MORRE NO BRASIL UMA MULHER VÍTIMA DE FEMINICÍDIO.

GOVERNO FEDERAL TEVE UMA DENÚNCIA DE ASSÉDIO SEXUAL POR DIA EM 2022.

MULHERES OCUPAM APENAS 12% DE CARGOS DO 1º ESCALÃO DO GOVERNO BOLSONARO.

MULHERES JORNALISTAS RECEBEM MAIS QUE O DOBRO DE OFENSAS QUE COLEGAS HOMENS NO TWITTER.

UMA EM CADA QUATRO MULHERES ACIMA DE 16 ANOS AFIRMA TER
SOFRIDO ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA EM 2021 NO BRASIL.

#MULHER NÃO VOTA EM BOLSONARO

fureabolha.substack.com

Figura 2.

MANIFESTO FURE A BOLHA, Título:#mulhernãovotaembolsonaro, Data: setembro de 2022.

Técnica e Dimensões: não disponíveis.

Acervo: *on-line*. Fonte e Crédito da imagem: fureabolha.substack.com

Algumas fontes e entidades que estão no manifesto são inquestionáveis, porém o controle das narrativas transformou esses dados em uma distorção da realidade. Distorções e especulações são estratégias de desqualificação de enunciados e discursos. De acordo com Hito Steyerl, 2018, p. 16, é “aqui que o fascismo entra em cena. Onde a representação colapsa ou se transforma em rodeios e respostas precipitadas, o fascismo parece oferecer respostas fáceis.” Ou seja, é urgente e importante a desqualificação de discursos, a rasura em representações, a criação de teorias delirantes, a instrumentalização de terrorismo doméstico e afins para a perpetuação de um possível bicho papão que assombra o conservadorismo. A temporalidade do século XXI não acompanha as descrições daqueles folhetins, porém alicerça novas práticas de violência. O documentário *Quebrando mitos*, apresenta de forma bem didática alguns pontos importantes expostos aqui sobre essas estruturas – a masculinidade catastrófica, as imposições sobre os gêneros tradicionais. Minha pesquisa e interesse acadêmicos não recaem no governo Bolsonaro - nesses quatro anos, entretanto, – fomos violentados diariamente com notícias falsas, desmonte da educação, desqualificação da ciência, movimento antivacina, aumento expressivo das desigualdades, do feminicídio, fome, miséria e muitas outras violências que não somente persistem, mas encontraram terreno fértil para que bandeiras fascistas pudessem ser hasteadas.

Referências

- ALLIEZ, Éric & LAZZARATO, Maurício. *Guerras e capital*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- BAHRI, Deepika. (2013). *Feminismo e/no pós-colonialismo*. Revista Estudos Feministas, 21(Rev. Estud. Fem., 2013 21(2)). <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000200018>. Acesso em: 07 de abril de 2021.
- COUTINHO, Afranio. *A literatura no Brasil: era romântica*. São Paulo: Global, 1997.
- HERKENHOFF, Paulo *Rosângela Rennó – Coleção artistas da USP*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997
- MASSUMI, Brian. O capital (se) move. In: *Caixa Pandemia de cordéis*. São Paulo: n-1 Edições, 2016.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o sulbaterno falar?*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STEYERL, Hito. *Vamos falar de fascismo*. Pequena biblioteca de ensaios. Dinamarca: Zazie Edições, 2018.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Como citar:

CAMILLO, Débora dos Santos. Estruturas viciosas. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 1036-1046, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.083>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>